

FACULDADE ANTONIO MENEGHETTI
ROSANE ZOLIN

O PERCURSO DA AUTENTICIDADE:
DE ROGERS A MENEGHETTI

RECANTO MAESTRO - RESTINGA SECA
2014

FACULDADE ANTONIO MENEGHETTI

ROSANE ZOLIN

**O PERCURSO DA AUTENTICIDADE: DE ROGERS A
MENEGHETTI**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista no Curso de Especialização em Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF

Orientador: Prof. : Dr. Alécio Vidor

**RECANTO MAESTRO - RESTINGA SECA
2014**

ROSANE ZOLIN

O PERCURSO DA AUTENTICIDADE: DE ROGERS A MENEGETTI

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista no Curso de Especialização em Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Alcício Vidor
Faculdade Antonio Meneghetti

Prof^a. Dra. Adriane Mendes
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Me. Ricardo Schaefer
Faculdade Antonio Meneghetti

RECANTO MAESTRO, 22 DE AGOSTO DE 2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Faculdade Antonio Meneghetti, seus professores, à direção e aos colaboradores pela oportunidade de realizar o Curso de Especialização Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico.

Agradeço ao meu orientador Professor Alécio Vidor pelo privilégio de ter seu acompanhamento neste estudo.

Agradeço a todos os professores que compartilharam seus conhecimentos e fortaleceram meu interesse pelo estudo da Ontopsicologia.

Agradeço à Coordenadora da Pós-Graduação Professora Beatriz de Pellegrini pela colaboração constante e orientações precisas durante o curso.

Agradeço aos colegas e novos amigos pelo agradável convívio e preciosos momentos de estudos.

A todos os que fizeram parte desta etapa de minha formação, meus agradecimentos.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo principal investigar o conceito de autenticidade para a Ontopsicologia. Constata-se que a visão humanista confunde autenticidade com sinceridade. A Ontopsicologia acrescenta o significado verdadeiro ao conceito de autenticidade. Neste contexto, definem-se os principais conceitos formalizados pela ciência ontopsicológica, essenciais para sua compreensão, distingue-se o método humanista e tradicional do método ontopsicológico de psicoterapia para a autenticação do ser humano e descrevem-se algumas práticas que a Ontopsicologia propõe para a autenticação do ser humano. Esta revisão é realizada através de pesquisa bibliográfica tendo como fonte principal os textos de Antonio Meneghetti, fundador da Ontopsicologia.

Palavras-chave: autenticidade, consciência, psicoterapia,

ABSTRACT

This study has as main purpose investigate the concept of authenticity to the Ontopsychology. The fact is that the humanistic vision confuses authenticity with sincerity. The Ontopsychology adds the true meaning to the concept of authenticity. In this context, one defines the main concepts formalized by the Ontopsychologicals ciencia, essential for its understanding that distinguishes the humanist and traditional method of the Ontopsychological method of psychotherapy for authentication of the human being and describes some practices that Ontopsychology proposes for the authentication of the human being. This review is realized through bibliographic research, with the main source the texts of Antonio Meneghetti, founder of Ontopsychology.

Keywords: authenticity, conscious, psychotherapy.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. CONCEITOS BÁSICOS DA ONTOPSICOLOGIA.....	10
2.1 O QUE É ONTOPSICOLOGIA?	10
2.2 EM SI ÔNTICO.....	11
2.3 CAMPO SEMÂNTICO.....	12
2.4 MONITOR DE DEFLEXÃO	13
3 PESSOA AUTÊNTICA.....	14
3.1 A FORMAÇÃO DO “EU”	15
3.2 O CONTEXTO DA AUTENTICIDADE.....	18
3.3 O MÉTODO HUMANISTA DE PSICOTERAPIA.....	19
3.4 O MÉTODO ONTOPSICOLÓGICO DE PSICOTERAPIA	21
4. PRÁTICAS PROPOSTAS PELA ONTOPSICOLOGIA PARA A AUTENTICAÇÃO	24
4.1 CONHECIMENTO ORGANÍSMICO	24
4.2 MELOLÍSTICA.....	25
4.3 METANOIA.....	27
4.4 RESIDENCE	28
4.5 ANÁLISE ONÍRICA	29
5 REFLEXÕES SOBRE O MÉTODO HUMANISTA E O MÉTODO ONTOPSICOLÓGICO DE PSICOTERAPIA	31
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
7 REFERÊNCIAS.....	40

1. INTRODUÇÃO

A busca pela compreensão de si mesmo, pelo estudo da psique humana e sua atuação na existência histórica é incessante na trajetória da humanidade. A necessidade do autoconhecimento é uma exigência permanente no ser humano, basta lembrar Sócrates, que construiu sua filosofia a partir do “conhece-te a ti mesmo”. Para conhecer é necessário refletir, questionar, a respeito de tudo e de nós mesmos. Esta observação fez surgir este estudo. Para tal, entretanto, precisamos de conhecimentos mais profundos do ser humano. A Ontopsicologia possibilita acessar este campo de conhecimento. A ciência ontopsicológica propõe um modo ímpar de conhecer-se como pessoa. O entendimento do conceito de autenticidade é fundamental para a compreensão do conhecimento ontopsicológico.

Inicialmente, destacamos o nome deste curso: Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico. Gestão é como dirigir aquilo que temos de mais importante – nossa inteligência, nossa capacidade de conhecer. Paradigma é o modelo que usamos para administrar este conhecimento, ou seja, o paradigma ontopsicológico que dá o elemento de exatidão de nossa consciência. Este modelo dá a lógica do nosso princípio vital original coligado à lógica do mundo da vida, como a vida é.

O desafio motivador deste estudo é, ao concluir este curso, ser capaz de explicitar o objetivo principal da ciência ontopsicológica: tornar o ser humano uma pessoa autêntica, capacitada a conhecer e reencontrar seu princípio existencial único e irrepetível. Procurar elucidar este tema através da busca de respostas para as dúvidas eternas e universais do homem: Quem sou eu? O que conheço de mim? Porque sou assim? Como posso melhorar?

O propósito deste estudo é o de investigar o conceito de autenticidade para a Ontopsicologia. Deste objetivo geral decorrem outros objetivos específicos que são: a) conhecer o significado dos principais termos utilizados na Ontopsicologia; b) compreender o propósito final da Ontopsicologia de tornar o ser humano uma pessoa autêntica; c) identificar alguns dos instrumentos propostos pela Ontopsicologia para levar o ser humano a construir-se como pessoa autêntica; d) distinguir o método humanista e o método ontopsicológico de psicoterapia para a busca da autenticidade.

A visão humanista de Rogers e a visão tradicional confundem autenticidade com sinceridade. Por isso, revisaremos estes conceitos, estabelecendo as diferenças entre sinceridade, autenticidade, e entre os métodos tradicionais da psicologia e o método ontopsicológico. A partir daí identifica-se o que a Ontopsicologia acrescentou ao termo autenticidade, através de sua teoria e de sua práxis.

Deste modo, para alcançar o objetivo proposto, aprofundar a compreensão do objeto de estudo e fundamentar teoricamente o tema proposto, utilizaremos a pesquisa bibliográfica tendo como fonte específica os livros, textos, aulas e outros registros da produção científica de Antonio Meneghetti, e também, como fontes auxiliares, usaremos textos de pesquisadores da Ontopsicologia.

Para compreender o conceito de pessoa autêntica é necessário, antes de tudo, conhecer o que é Ontopsicologia e as três descobertas científicas denominadas de Em Si Ôntico, Campo Semântico e Monitor de Deflexão.

Deste modo, na primeira parte deste trabalho, descrevem-se estes conceitos, pois são as premissas para compreender toda a ciência ontopsicológica, sua teoria e sua aplicação.

A seguir abordam-se as definições de pessoa autêntica, descrevendo o que é autenticidade e o que é sinceridade dentro do método humanista e do método ontopsicológico de psicoterapia.

Relaciona-se, a seguir, algumas práticas propostas pela Ontopsicologia para consentir o processo de autenticação do ser humano.

Conclui-se com algumas reflexões sobre os métodos de psicoterapia que foram abordados neste estudo, demonstrando o que a Ontopsicologia acrescentou de novidade ao termo autenticidade dando-lhe o teor de significado real.

2. CONCEITOS BÁSICOS DA ONTOPSICOLOGIA

Este estudo fundamenta-se na teoria e no método formalizado há poucas décadas por Antonio Meneghetti, e denominado de Ontopsicologia. Esta ciência, justamente por ser nova, requer alguns esclarecimentos preliminares para auxiliar sua compreensão.

Nossa investigação, portanto, busca compreender o significado de autenticidade para a Ontopsicologia e com isso possibilitar o entendimento desta ciência. E com estes conceitos iniciais, entender o que é ser autêntico na visão ontopsicológica.

Inicialmente definiremos os principais termos que são fundamentais para sua compreensão. A premissa para acessar este novo conhecimento é a definição do que é a Ontopsicologia e a definição do que são as três descobertas – Em Si ôntico, Campo Semântico e Monitor de Deflexão - sobre as quais se fundamenta toda a sua teoria e sua práxis.

2.1 O QUE É ONTOPSICOLOGIA?

Conforme Meneghetti (2003, p. 23/24), “a Ontopsicologia é a ciência que estuda a estrutura base da psicologia do homem... Ontopsicologia como psicologia do ser do homem, como psicologia em função do ser”. É a ciência que estuda o modo como o ser se adapta e se individua na forma de existir homem.

Formada pelos termos de origem grega:

“ontos”: genitivo do particípio presente do verbo ser.

“logos”: estudo, racionalidade, conhecimento.

“psique”: alma, intelecto, mente, consciência, razão, espírito. (MENEGHETTI, 2008, p. 197).

Portanto, é uma análise crítica, racional do homem no específico momento histórico e neste contexto existencial, no modo como a natureza o concebeu, tendo por objeto de estudo sua atividade psíquica.

Entre as diversas definições apresentadas por Meneghetti (2008, p. 197), destacamos Ontopsicologia como psicologia do ser: “reproposição do conhecimento elementar para reimpostar o sujeito humano em contato consciente e operativo com o mundo da vida ou com a realidade do ser com o escopo de realização individual e integral”.

Neste momento é importante destacar o que é o “ser” para a Ontopsicologia. Ser é a plenitude de presença aqui, agora. É o princípio universal do quanto existe ou é real. Meneghetti (2008) distingue três modos para entendê-lo: a) Ser metafísico ou Ser como Deus; b) ser comum, ou ser como participação universal de todas as coisas; e c) ser individual, ou ser como participação de mim existente aqui e agora.

A prática ontopsicológica, o conhecimento e a aplicação das três descobertas exclusivas desta ciência permitem a compreensão da individualidade humana, descobrindo

como o projeto base da vida opera em cada um, devolvendo ao homem sua capacidade de autenticidade e crescimento.

Com o conhecimento ontopsicológico, um indivíduo, primeiramente, está em condições de compreender a estrutura total do próprio inconsciente; em segundo lugar, pode conhecer os impulsos, as dinâmicas e os determinismos que o próprio sujeito, inconscientemente, opera nas e com as pessoas que estão em seu ambiente; por fim, pode saber as interferências que as outras pessoas fazem em sua vida. (MENEGETTI, 2008, p. 198).

Para compreender a estrutura do ser humano e como ele pode ser autêntico, precisamos entender o que são as três descobertas científicas da Ontopsicologia.

2.2 EM SI ÔNTICO

Através da práxis clínica, Meneghetti descobre no íntimo de cada homem um núcleo energético com inteligência própria, da qual se articula qualquer acontecimento psíquico e físico do sujeito.

Esse núcleo, definido Em Si ôntico, articula-se na existência, mas nasce além dela e se faz presente em todo e qualquer cotidiano, permanecendo transcendente a qualquer fato. Permanece inconsciente à consciência do Eu do sujeito. O Em Si ôntico parece ser a alma invisível do sujeito, ou seja, uma forma de inteligência que está em todos os lugares, toda presente no real psicossomático do indivíduo. (MENEGETTI, 2003A, p.30-31).

O Em Si ôntico é o fundamento epistemológico da Ontopsicologia, denominado como o critério de natureza, considerando um critério como um princípio que dá autenticidade a um fato analisado. Critério é a base para julgar, para certificar a verdade de uma ciência. Cada um de nós tem o seu Em Si ôntico, cada indivíduo é conforme um projeto que o faz único, distinto, indivisível.

Meneghetti (2008) relaciona os seguintes conceitos de Em Si ôntico:

Projeto base de natureza que constitui o ser humano. Princípio formal inteligente que faz autôctise histórica. O ponto primeiro do qual principia o determinar-se de uma individuação, o princípio que faz o ser ou não ser, existir ou não existir. É o núcleo com projeto específico que identifica e distingue o homem como pessoa e como raça, em âmbito biológico, psicológico e intelectual. O Em Si ôntico é o núcleo energético pensante, o princípio formal que estrutura o orgânico psicobiológico do indivíduo humano. Ele garante e identifica a exatidão ou não da unidade de ação homem em processo histórico. (MENEGETTI, 2008, p. 88-89).

Compreender o Em Si ôntico é compreender toda a Ontopsicologia. Cada um de nós tem no próprio interior as próprias leis, regras universais, regras da vida. Somos um produto da natureza e temos no nosso interior a intencionalidade da natureza, da vida. A cada um de nós dá uma direção, dá um endereço. Este critério de natureza não pode ser mudado pelo homem. A natureza para nos fazer chegar ao escopo nos dá a nós mesmos. O máximo de conhecimento que poderíamos ter: nós mesmos como instrumento de conhecimento. Somos o instrumento de conhecimento da realidade. Quanto mais conhecemos nosso Em Si ôntico, maior é a visão da realidade, mais refletimos a realidade. “O Em Si ôntico é o critério elementar, o iso que dá o iso a todos os comportamentos psicoorgânicos”.(MENEGHETTI, 2010, p. 150).

O Em Si ôntico é uma das descobertas que especificam a Ontopsicologia. É o dote natural de todo ser humano. Está em si mesmo, a priori de todo o restante. É o critério da ciência ontopsicológica, portanto, é a regra natural que mostra a escolha ótima de cada momento. É o modo pelo qual julgamos e decidimos o que é bom e o que é ruim, o que é justo e o que é errado para nós mesmos – sempre relativo a nós mesmos.

Antonio Meneghetti identifica este critério e o descreve através de quinze fenomenologias¹ que evidenciam o que é o Em Si ôntico. Estas quinze características foram confirmadas historicamente e devem estar juntas pelo menos três: Identidade, Utilitarismo e Funcionalidade, pois, “o homem escolhe, com base na sua identidade, o que é útil para a funcionalidade da sua individualidade histórica”. (MENEGHETTI, 2010, p. 136).

O Em Si ôntico é o único critério que dá a direção da vida, que mostra de acordo com a identidade de cada indivíduo qual escolha resulta em crescimento pessoal. É útil e funcional o que é igual a si mesmo.

2.3 CAMPO SEMÂNTICO

Toda a história da humanidade demonstra que o homem sempre buscou um certo tipo de energia. Algo como uma forma elementar de energia universal que está em toda parte. Meneghetti pesquisou e demonstrou a existência desta informação dinâmica que interage entre todas as formas de vida, antes de qualquer forma de consciência. A este processo bio-psíquico denominou “Campo Semântico” e caracterizou esta energia psíquica como força intencionável sobre qualquer modalidade do orgânico clínico-emotivo e voluntarístico, e tal intencionalidade pode ser consciente ou inconsciente. (MENEGHETTI, 1993, p. 8).

Para melhor entendimento deste conceito, citamos as definições dos termos específicos:

¹ 15 características do Em Si ôntico: Inseico, Holístico-dinâmico, Utilitarista-funcional, Virtual, Econômico-hierárquico, Vencedor, Alegre, Criativo, Espiritual, Agente no interior de um universo semântico, Mediânico entre o ser e a existência histórica, Histórico, Estético, Volitivo-intencional, Santo. (MENEGHETTI, 2010, p.160/161).

Campo: espaço hipotético convencional referente a vetorialidades dinâmicas segundo centros-forças resultantes.

Semântico: possibilidade de atuar efeitos segundo a informação exclusiva do intencionante vetorial. Ato com efeito, segundo o primeiro significante. Este se configura no momento da significância e o significado é sua normal fenomenologia.

Energia: conceito subentendido àquele de campo, é qualquer acontecimento ou aquilo que comporta ou causa variação de movimento, de ação. (MENEGETTI, 1993, p. 8).

Esta linguagem está com a energia porta informações – a linguagem que a natureza utiliza através de suas individualizações. Meneghetti observou que estas informações, transmitidas entre as pessoas em nível inconsciente, possuíam valor informativo muito superior em relação ao que era verbalizado, pois acontecem antes de todos os sentidos perceberem, antes de qualquer emoção, antes da tomada de consciência.

O Campo Semântico “é a comunicação base que a vida usa no interior das próprias individualizações” (2008). Comunicação base, pois é a mais elementar, a primeira que a natureza, a vida usa, antes de todas as outras. A vida nos dá a possibilidade de entrar nesta vida biológica, sempre em contato com a vida, em interação contínua com todos os indivíduos da natureza.

O Campo Semântico é uma das descobertas específicas da ciência ontopsicológica e sua compreensão é fundamental para quem deseja ser um pesquisador da Ontopsicologia. Somente é compreendido por quem tem um bom embasamento do conhecimento ontopsicológico, faz o processo de metanoia², e é autêntico.

2.4 MONITOR DE DEFLEXÃO

O ser humano tem grande dificuldade de compreender sua realidade e conhecer a si mesmo. Sua consciência comprova-se incapaz de refletir a realidade do modo exato como ela é. Meneghetti identificou o mecanismo que age na psique humana e altera suas percepções, um elemento agregado, que não faz parte da estrutura de natureza e o denominou de Monitor de Deflexão e o descreve da seguinte forma:

O monitor de deflexão (ou grelha de deformação) é um dispositivo psicodélico que deforma as projeções do real à imagem. Em vez de repetir a imagem referente ao objeto, altera qualquer sinal que reflete o real segundo um programa prefixado. Em vez de projetar especularmente (refletir), desvia segundo uma temática imposta no receptor (deflete).

“Monitor” é uma palavra que deriva do latim *moneo* que quer dizer “que sugere, que corrige, que censura, que notifica”.

“Deflexão” deriva do latim *deflecto*, que significa “desviar, mudar estrada, dirigir-se para outro lugar”. (MENEGETTI, 2010, p. 172)

² Metanoia – Mudo a mente. Variação radical do comportamento para identificá-lo à intencionalidade do Em Si. (MENEGETTI, 2008, p. 176). Este conceito é abordado no capítulo referente às práticas propostas pela Ontopsicologia para a autenticação.

A consciência humana tem a função de um espelho pelo qual é informada a realidade do nosso organismo refletindo imagens: é um monitor de reflexão. “A consciência é exatamente um monitor, ou espelho de exposição ou reflexão. É um espelho psicodélico onde as imagens coincidem com o vivido real.” (MENEGETTI, 2008, p. 185).

Entretanto, com a ação deste mecanismo estranho à nossa natureza - o monitor de deflexão - as imagens da realidade são alteradas e impedem que o ser humano tenha pleno conhecimento de si mesmo e perde a exatidão da própria vida. O monitor de deflexão determina informações que não coincidem com o que é o real da vida.

Um dos efeitos do Monitor de Deflexão é a perda da consciência do Em Si tornando o homem inconsciente a si mesmo e sem conexão com a sua realidade.

O Monitor de Deflexão age a partir dos maiores valores acreditados pelo ser humano. As próprias leis culturais e sociais são as portadoras da força para a atuação do Monitor de Deflexão. Deste modo, descreve Meneghetti (2010, p. 174), o segundo efeito da inserção do Monitor de Deflexão “é a ocupação dos primeiros postulados categóricos ou postulados do comportamento ético”, que torna o homem inflexível diante das regras sociais e reduz a consciência do real. “O terceiro efeito é a experiência do medo e a angústia de modo fenomênico. A consciência não é mais a reflexão exata e o homem é perdedor de si mesmo.

3 PESSOA AUTÊNTICA

Este capítulo constitui-se como o núcleo principal deste artigo. É através desta revisão da pesquisa ontopsicológica que buscaremos alcançar o objetivo inicialmente proposto de investigar o conceito de autenticidade, distinguir o método humanista e o método ontopsicológico para a busca da autenticidade, E, na sequência, compreender o escopo da Ontopsicologia de tornar o ser humano uma pessoa autêntica e identificar os instrumentos que a Ontopsicologia propõe para o ser humano construir-se como pessoa autêntica.

É importante destacar que expressões como “recuperar a consciência”, “exatidão de consciência”, “reportar a lógica do Eu à lógica do Em Si ôntico para consentir a realização”, “ser autêntico a si mesmo”, “restabelecer o contato com o Em Si ôntico”, “Eu lógico-histórico³ coincidente ao previsto pela natureza” e tantos outros similares encontrados nos textos de Meneghetti, serão considerados como sinônimos de Pessoa Autêntica para a realização deste estudo.

O termo “pessoa” deriva do latim *per se esse*, ser por si e para si. Para Meneghetti (2008, p. 215), é a unidade de ação que um sujeito representa como entidade e

³ Eu lógico histórico – Eu voluntarístico, Eu pensante, responsável e agente. É a parte lógica e consciente de todas as operações voluntárias, responsáveis, reflexivas, inteligentes, racionais, mnemônicas, etc. É o ponto onde acontece a tomada de consciência, de responsabilidade, de voluntarismo, de racionalidade. (MENEGETTI, 2008, p. 112).

fenomenologia: 1) dentro de si mesmo; 2) como máscara social; 3) como princípio último de egoísmo e responsabilidade, neste caso é a identidade que o sujeito tem por si.

Por pessoa se entende ser uno e existente indiviso por si e distinto de qualquer outro. (MENEGHETTI, 2004, p.95).

Pessoa – é um princípio, que é por si, autônomo, lei para si, se motiva a partir de e por si, age e reage conforme a si, em vantagem de si. Ser humano é um direito potencial, ser pessoa é um direito de fato, porque pessoa se devém. O íntimo do por si é Eu. O conceito de pessoa é o meu Eu objetivado em relação aos outros. (MENEGHETTI, 1995, p. 15).

Pessoa é o ser que tem a possibilidade de, com autonomia, construir a si próprio, através da autóctise histórica⁴.

“Autenticação” tem origem grega e significa: eu me ponho igual à ação que sou. Para a Ontopsicologia, “autenticação” significa: rever a exatidão do instrumento mental. Possuir as coordenadas de base, naturais, pelas quais se começa a desenvolver-se para ser evolução funcional.

O Eu lógico-histórico que é a instância que decide e faz, precisa ter uma consciência que coincida com o princípio original de natureza para guiar-se por ele e ter um eu autêntico.

O Eu lógico-histórico deve ser correspondente ao quanto previsto pelo desenho operativo da natureza naquele sujeito. Portanto, deve existir a coincidência com a virtualidade ôntica, a qual deve ter a sua história correspondente. “Autêntico” significa: ser igual a como o projeto individual prevê. A psicoterapia e o residence de autenticação são os instrumentos que a Ontopsicologia usa para uma reorganização precisa da racionalidade do sujeito e para impostar a eficiência do Eu histórico-psicológico no realizar a genialidade da própria existência, em qualquer aspecto. (MENEGHETTI, p. 32).

O objetivo principal da Ontopsicologia é tornar o ser humano autêntico, ou seja, corrigir o Eu conforme a direção do Em Si, recuperando o projeto original do homem conforme a sua natureza.

3.1 A FORMAÇÃO DO “EU”

Para compreender o processo ontopsicológico de psicoterapia de autenticação é preciso entender como se dá a formação do Eu, quais estruturas dão origem ao nascimento do Eu. Antes do conceito de pessoa existe o conceito de Eu.

⁴ Autóctise histórica: Autoconstituição. Processo histórico de escolhas existenciais que fazem a resultante da evolução e da situação pessoal. Faz a si mesmo, evolui-se, faz-se, condesce e se exalta na aparente diversidade. Cada escolha, cada investimento condiciona o sucessivo e se reflete no inteiro. Continuamente, experimentamos o efeito das nossas causas e causamos os nossos efeitos. (MENEGHETTI, 2008, p. 34/35).

O termo Eu deriva do latim *ego* que significa agir, fazer, portanto, o ser ou essente do fazer, quem faz. Para Meneghetti (2008), é a estrutura lógica ou agente do indivíduo, pelo qual uma vez posta esta relação, ela é o ponto de partida e de referência para tudo. É o princípio lógico da ação ou de uma diferenciação autônoma e responsável. É a parte psíquica exposta capaz de reflexão e voluntarismo livre para agir ou não agir. O autor classifica o Eu da seguinte forma:

- a) *Eu a priori*: a forma virtual do Eu antes do acontecimento histórico, portanto, é a configuração da solução ótima do indivíduo em ambiente, aqui e agora. É a reflexão da ação do Em Si organísmico em situação histórica e define a ética ótima da ação.
- b) *Eu lógico-histórico*: o Eu que, de fato, escolhe e define seja em positivo que em negativo.
- c) *Eu fictício*: Eu não autêntico, não operador de realidade segundo a pulsão do Em Si, portanto, estruturado segundo o complexo, ou a projeção dos outros.
- d) *Eu Sou*: a consciência ôntica. (MENEGHETTI, 2008, p. 107).

Esses diversos tipos de Eu interferem nas escolhas da pessoa, dependendo da consciência que se tem deles e sobre qual Eu se baseia esta escolha. Conforme o Eu lógico-histórico foi formado determina-se as ações. Por isso, a Ontopsicologia propõe a mudança de comportamento – a metanoia- para recuperar a consciência do Eu e torná-lo coincidente com as pulsões do Em Si ôntico.

Na abordagem ontopsicológica, o Eu nasce continuamente e infinitamente a cada escolha, em cada ação da vida da pessoa que é conforme a si mesmo. Quanto mais conhece a si mesmo, mais se torna pessoa, mais se torna Eu. A cada nova experiência desencadeia-se a próxima. Isto é um processo de autóctise histórica: o indivíduo faz-se continuamente.

Segundo Meneghetti (2003), O Eu não é dado, não surge pronto por si só, não deve ser entendido como a forma consciente. Ele é resultado de um conjunto, que é constituído de várias zonas do pré-consciente, do inconsciente, dos mecanismos de defesa, etc. e é extraído da potencialidade deste conjunto: a inteligência forma-se, desenvolve-se a partir desse conjunto. E complementa:

Muitas pessoas falam de “Eu” permanecendo no êxodo de uma consciência orgânica. O Eu é eduzido de um conjunto; o fato de ser eduzido implica, no ponto de partida, uma potencialidade muito mais ampla. Múltiplos “Eu” podem ser eduzidos do mesmo conjunto. A forma daquilo que acontece é sempre dada pelo conjunto de uma dualidade objetual inicial. Todo homem, sobretudo, na sua parte egóica, e mais ainda em sua totalidade, percebe e conhece a vida pelo encontro do recíproco ocasionar-se. O recíproco ocasionar-se causa o efeito de conhecimento, de percepções, de alma. (MENEGHETTI, 2003B, p. 12/13).

O ser humano nasce no interior de um grupo familiar e é dependente deste. Ele aprende desta interação seus modelos lógicos e emotivos e estabelece o tipo de comportamento que prevalecerá na sua vida adulta. O indivíduo criança percebe, aprende e metaboliza o ambiente social conforme a tipologia dos adultos de sua referência.

A Ontopsicologia define o início da vida como um estado améxico, pois não é totalmente individuado. É améxico no sentido que “ainda não é “homem”, mas uma situação potencial do homem “(MENEGHETTI, 2010, p.252). Potencialidade no sentido

de possibilidade de vir a ser, possibilidade prevista, porém, ainda não realizada. É a força necessária ao ato, é a potência ao ato, mas sem direção definida. A individuação com o próprio impulso interno, com a própria virtualidade específica, realiza todas as possibilidades de fazer-se concretamente. O homem tem em si as condições de realizar existencialmente as potencialidades previstas para a sua individuação. Nesse sentido, virtualidade é a força com direção, é formalização da potência, é a força de chegar àquela ordem prevista.

Cada individuação se desenvolve segundo o endereço da sua virtualidade, não é ao acaso, é por seleção temática. A seleção temática para Meneghetti (2010, p. 253), “é um modo *específico de selecionar o ambiente segundo uma tipicidade intrínseca*. Cada individuação se nutre segundo ela mesma, metaboliza segundo a própria identidade. A própria identidade é o conceito de virtualidade, isto é, força com direção posicionada.”

O endereço da virtualidade implica numa exatidão tal que, tudo o que diz respeito a um determinado indivíduo, já está intrínseco nele. Essa característica delimita os diversos modos de metabolização, conservando a própria seleção temática do ambiente.

Para Meneghetti (2010), O Eu é determinado por três instâncias:

a) Tecido orgânico ou código genético – Como é distinto, o sujeito não recolhe o ambiente como quer que esse seja, mas somente se é correspondente a uma exigência: seleciona de modo temático. O organismo relaciona-se com o ambiente segundo uma lei própria. Já existe uma distinção do todo, mas o Eu ainda não é ato.

b) Imediatismo de interação corpo-ambiente – O organismo coloca-se em relação com o ambiente e o ambiente, por sua vez, é interagente; no momento em que interage, ele diferencia o organismo.

c) Incidência diretiva organizada do social – O organismo nasce em um complexo altamente especializado e organizado. A criança, como um elemento neutro, em relação com as estruturas mais especializadas dos adultos, inevitavelmente será conformada ao modelo mais organizado. Definindo esta relação, o autor diz:

O conjunto energético do organismo, que está se plasmando em um ambiente físico, é continuamente estimulado segundo os interesses do ambiente adulto, a sociedade. A forma de pensamento de um indivíduo é também o produto da sociedade através de séculos de história. *O Eu sofre a vetorialidade segundo o tipo de organização mental que já preexiste na família em que a criança cresce*. O Eu é um precipitado do social ambiental; depois desta fase determina-se a consciência. A consciência acontece mais por um processo social que orgânico. (MENEGHETTI, 2010, p.256).

Desta forma, o Eu é a estrutura que tem a capacidade de mediar o ambiente com o organismo. O Eu nasce no momento em que o organismo seleciona o ambiente para si. Em Meneghetti (2010), “na medida em que se aprovisiona do mundo, segundo a sua virtualidade intrínseca, o Eu identifica-se, *faz o objeto, sujeito*. Na medida em que investe o objeto, torna-se sujeito. Quanto mais faz e entra em posse da ação cônica, mais se torna “pessoa”.

Com o nascimento do Eu entramos na zona consciente, na área do conhecimento e começamos a perceber que existimos.

Este processo de formação do Eu leva à compreensão de como perdemos a autenticidade original. A criança é inserida em um grupo altamente organizado e

estruturado, portanto, como elemento neutro e dependente necessita adaptar-se às exigências externas e vai se dissociando do Eu verdadeiro. Esse Eu fictício não consegue mais distinguir o que é útil e funcional para si.

Para revisar o Eu, corrigi-lo e conscientizá-lo do seu ponto original e verdadeiro é necessário o processo de autenticação.

3.2 O CONTEXTO DA AUTENTICIDADE

Para prosseguir este estudo, é necessária uma breve revisão de significados associados ao termo autenticidade, utilizados de modo freqüente em nosso cotidiano e também por pesquisadores de psicologia.

Houaiss (2009) define “autenticidade” como qualidade, condição ou caráter de autêntico; caráter do que é genuíno, verdadeiro, legítimo. “Autêntico é” o que é reconhecido como legítimo, verdadeiro, não imitativo.

O mesmo autor define “sinceridade” como a qualidade, estado ou condição do que é sincero; franqueza; que se exprime sem artifício nem intenção de disfarçar seu pensamento ou sentimento.

Sinceridade para Rogers (1977, p. 106), “consiste em falar ou agir de acordo com a representação consciente, isto é, com a experiência tal como ela aparece na consciência”.

Quanto ao termo autenticidade, Rogers (1977) usa-o como sinônimo de congruência, harmonia, coerência entre o que o indivíduo pensa, o que sente e seu comportamento. Este conceito refere-se ao estado de acordo que existe entre a experiência e sua representação na consciência do indivíduo “normal”, isto é, que funciona adequadamente.

Mais preocupado com o fator humano do que com o fator técnico, o profissional de orientação rogeriana entende as condições de seu trabalho em termos de atitudes. A atitude principal, aquela que rege todas as outras, é a atitude de consideração positiva incondicional. É próprio desta atitude – além do seu caráter incondicional – a sua autenticidade. Com efeito, o terapeuta deve, não somente testemunhar tal atitude, como deve igualmente experimentá-la. Para ser terapeuticamente fecunda, esta atitude deve se ancorar profundamente no sistema de tendências e necessidades do profissional como pessoa. É apenas quando ela representa uma expressão de sua personalidade, mais precisamente, sua concepção do homem e das relações humanas, que poderá ser exercida de um modo direto, fácil e relativamente constante, enfim, de uma maneira amplamente autônoma. (ROGER, KINGET, 1977, p. 75).

A noção de autenticidade em Rogers refere-se não a simples formas de comportamento, mas à própria personalidade tal como ela se expressa na ação.

Para Meneghetti (2008, p. 32), “autêntico” significa: ser igual a como o projeto individual prevê; eu me ponho igual à ação que sou. Homem autêntico é o homem com consciência exata, no qual Em Si ôntico e Eu lógico coincidem. E complementando este conceito: “*autenticidade* significa reencontrar o ponto primeiro, o ponto-causa que propõe o início do ser individuado, reencontrá-lo e se envolver ativamente”. (MENEGHETTI, 2005A, p. 106).

Quando é evidenciado o próprio Em Si ôntico, o sujeito pode constituir-se como autêntico, acertar a sua vida, porque encontra o escopo de sentido ou de valor, encontra aquilo que o identifica e lhe dá mais ser. Meneghetti (2010, p. 23) diz que “O sujeito, uma vez que conhece o próprio Em Si ôntico certifica a exatidão de si mesmo e alcança a realização” porque reflete a autenticidade do ser que é.

Para compreendermos o diferencial entre estes conceitos, buscamos como referência o método humanista de psicoterapia.

3.3 O MÉTODO HUMANISTA DE PSICOTERAPIA

Este método psicoterapêutico foi desenvolvido pelo psicólogo e educador norte americano Carl Ranson Rogers (1902-1987), e ficou conhecido como humanista por ter como base uma visão positiva do ser humano, em oposição às condutas dominantes da sua época. Seu interesse pela psicoterapia levou-o a interessar-se por toda espécie de relação de ajuda.

Os estudos de Rogers tratam essencialmente das relações humanas e da possibilidade de torná-las mais sadias e fecundas.

Sua concepção terapêutica parte da idéia de que “*o ser humano tem a capacidade, latente ou manifesta, de compreender-se a si mesmo e de resolver seus problemas de modo suficiente para alcançar a satisfação e eficácia necessárias ao funcionamento adequado*” (ROGERS, KINGET, 1977, p. 39). Esta capacidade que visa desenvolver as potencialidades do indivíduo é chamada de tendência à atualização que é assim definida:

Tendência atualizante. Esta noção corresponde à seguinte proposição: todo organismo é movido por uma tendência inerente para desenvolver todas as suas potencialidades e para desenvolvê-las de maneira a favorecer sua conservação e seu enriquecimento. (ROGERS, KINGET, 1977, p. 159).

Para Rogers, a noção de tendência atualizante é o postulado fundamental da sua teoria, baseada num conhecimento centrado na pessoa e no seu potencial de crescimento.

O processo de terapia rogeriana é denominado centrado no cliente e não diretivo. É centrada no cliente porque é dele a responsabilidade pela condução e pela evolução do tratamento. O termo “diretivo” implica em conselhos, instruções, sugestões, etc.

Kopit (1977) no prólogo à edição brasileira da obra *Psicoterapia e Relações Humanas*, descreve o método de psicoterapia de Rogers da seguinte forma:

O que vem a ser uma terapia centrada no cliente? KINGET e o próprio ROGERS esclarecem os fundamentos desta prática terapêutica, na qual o cliente é, acima de tudo, respeitado como ser humano, e que não vai ser curado de seu mal psíquico, mas sim ajudado a se conhecer, a se ver de uma maneira mais real e não através da máscara que traz e que os outros lhe impõem. Há nesta terapia uma preocupação de dirigir o cliente, sem, no entanto, “empurrá-lo”; orientar, sem traçar caminhos a serem seguidos. O cliente de ROGERS não é “paciente”, no sentido em que espera a iniciativa partir do psicólogo. Ele – cliente – e o

terapeuta estão envolvidos num mesmo processo, partilhando de uma responsabilidade mútua. Na realidade, o termo paciente não expressa, de forma alguma, a relação (e a filosofia) terapêutica centrada no cliente, pois acarreta uma carga de passividade que não é própria desta terapia. (KOPIT, apud Rogers, C.; Kinget, G. M. 1977, p. 13).

Rogers, por inclinação natural voltou-se para a observação e para a experiência, mais que para as teorias tradicionais de sua formação acadêmica e deixou-se guiar por estas observações e pelo que aprendia com seus clientes. Neste contexto configurou-se como um terapeuta com um método de trabalho pessoal e original. É o fundador da terapia não diretiva e centrada no cliente. Evidencia-se em seu trabalho a ausência das diversas formas de direção, diagnósticos e interpretações, reconhecidas como papel legítimo do terapeuta naquela época. Para Rogers, *“a não-direção refere-se, essencialmente à abstração de juízos de valor, está inspirada numa atitude incondicionalmente positiva.”* (ROGERS, KINGET, 1977, p. 35). O papel do terapeuta na concepção de Rogers é o de um catalisador, de um facilitador do processo.

A essência da abordagem de Rogers consiste menos num modo de ser que num modo de agir. O comportamento do terapeuta como expressão de certas atitudes e convicções enraizadas em sua personalidade podem desencadear, no cliente o processo chamado “atualização de si” ou “crescimento pessoal”. Estas atitudes servem para esclarecer o significado do termo centrado-no-cliente, conforme definição abaixo:

Para que o processo terapêutico seja fecundo, é preciso que se efetue em função da **experiência do cliente** e não em função de teorias e princípios estranhos a esta experiência. Para que o terapeuta seja eficiente é preciso, pois, que adote, em face de seu cliente, uma atitude empática; deve esforçar-se por imergir **com** o cliente **no** mundo subjetivo deste. O cliente deve ser o centro desta empresa, não simplesmente no sentido de que é o beneficiário dela, mas num sentido mais intrínseco. A tomada de consciência de sua experiência pessoal deve servir de guia e de critério ao processo de reorganização de suas atitudes e à conduta **ulterior** de sua vida. Daí o termo “client-centered”, indicativo do caráter ideocrático do processo, isto é, de seu enraizamento na experiência vivida do cliente. (ROGERS, KINGET, 1977, p. 28).

Rogers acreditava que quando existiam estas condições durante a interação humana no processo de terapia, aconteciam certos fenômenos, denominados resultados terapêuticos como: melhora dos sintomas, crescimento, mudanças.

O conhecimento desenvolvido por Rogers, referente às condições que provocam as alterações que facilitam o crescimento psicológico e o desenvolvimento do indivíduo é assim definido:

Descobriu-se que a transformação pessoal é facilitada quando o psicoterapeuta é aquilo que é, quando as suas relações com o cliente são autênticas e sem máscaras nem fachadas, exprimindo abertamente os sentimentos e as atitudes que nesse momento ocorrem. Utilizamos o termo “congruência” para tentar descrever esta condição. Com este termo procura-se significar que os sentimentos que o

terapeuta estiver experienciando são válidos para ele, válidos para sua consciência e ele pode viver esses sentimentos, assumi-los e pode comunicá-los se for o caso. Ninguém realiza plenamente esta condição e, portanto, quanto mais o terapeuta souber ouvir e aceitar o que se passa em si mesmo, quanto mais ele for capaz de assumir a complexidade dos seus sentimentos, sem receio, maior será o seu grau de congruência. (ROGERS, 1987, p. 65).

Para Rogers, esta qualidade da congruência está diretamente relacionada ao bom resultado do processo terapêutico. O terapeuta que for mais autêntico e congruente na relação tem mais possibilidades de que ocorra uma modificação da personalidade de seu cliente. Estas atitudes são as principais responsáveis pela mudança terapêutica, mais importante até que o conhecimento e a capacidade técnica do terapeuta.

3.4 O MÉTODO ONTOPSICOLÓGICO DE PSICOTERAPIA

Toda a ciência ontopsicológica fundamenta sua teoria e sua práxis sobre as três descobertas: O Em Si ôntico, o Campo Semântico e o Monitor de Deflexão, cujas definições foram expostas na primeira parte deste estudo. Para a compreensão do processo de psicoterapia ontopsicológica é fundamental o entendimento destes conceitos.

A necessidade da psicoterapia surge do fato de que o ser humano perdeu sua própria identidade constituinte e por determinação existencial deve recuperá-la de forma evidente. (MENEGETTI, 2005, p. 11).

Para buscar a causa primeira, a raiz, a mente primeira e última de cada ação, devemos recorrer à psicoterapia. Meneghetti (1996) define a psicoterapia como o exercício crítico de conhecimento e de consciência. Exercício de conhecimento porque verifica se sei aquilo que sou. Exercício de consciência porque verifica se aquilo que reflito e decido coincide com aquilo que sou.

O termo “psicoterapia” significa cuidado interior da alma, no sentido de espiritualidade do homem.

Psicoterapia – grego “*psiche*” - alma, mente. “*therapeuo*” - obséquio, serviço, cura, atenção, solicitude em relação a deus, aos genitores, às pessoas queridas.

Venero, me ocupo com solicitude.

Originariamente, o termo “terapia” denotava uma referência de valor de caráter moral. Deriva do verbo “*therapeuo*” e significa: a) venerar (habitualmente com referência aos deuses e à autoridade); b) ocupar-se com solicitude em relação aos padrões, aos amigos e aos familiares; c) cuidar, em sentido muito elástico. O sentido étimo da ação significa: buscar, vigiar o dom. Por “dom”, deve-se entender o espírito vital ou campo etérico. (MENEGETTI, 2008, p. 231).

O termo terapia foi impropriamente adotado pela ciência médica, como sentido de cura dos doentes em sentido global. Porém, a Ontopsicologia o entende no seu significado

original de ter cuidado e atenção pela alma, no sentido pedagógico do termo: respeitá-la e ajudá-la a evoluir, procurando salvaguardar a própria capacidade de inteligência.

Através da psicoterapia ontopsicológica pode-se verificar se estamos sendo correspondentes aos impulsos da vida. O fim primário e único é a autenticação do humano, isto é, a reintegração ou conscientização do original natural em antecipação a todo acultramento sucessivo não cômgruo, (MENEGHETTI, 2004, p. 91).

A psicoterapia é uma estrada para chegar a um fim: a autenticação. O lugar já existe dentro nós, falta a consciência disto. A psicoterapia é o percurso para chegar à conscientização deste lugar original, natural.

Para realizar esta cura da alma, a verdadeira psicoterapia, Meneghetti (2004), determina duas exigências: uma compreensão psicológica e uma compreensão ôntica⁵. É necessário compreender os processos lógicos da mente e compreender que estes processos têm um fulcro motivante e estruturante que os determina história metafísica, isto é, uma fenomenologia do ser, daquele que é uno. A psicoterapia propõe-se como arte clínica, mas é terapia do ser no homem, ou seja, é Ontopsicologia, portanto se dirige ao núcleo do homem como pessoa. Disso surge a seguinte afirmação:

A psicoterapia é inevitável ontoterapia (= ter cuidado com o ser), portanto Ontopsicologia é o estudo do ser na alma do homem. Mais exatamente, a arte ou ciência da psicoterapia é pesquisa da intencionalidade psíquica enquanto constituinte da funcionalidade antropológica e da auto-realização. (MENEGHETTI, 2004, p. 95).

A psicoterapia ontopsicológica tem como objeto específico a intencionalidade psíquica do indivíduo, através de todos os modos de fenômenos existenciais. Por intencionalidade psíquica, Meneghetti define:

Quando digo que objeto específico da psicoterapia é a intencionalidade psíquica, entendo a ação-base das modalidades de pensamento e da motivação do existir homem, até a exterioridade somática (o corpo é palavra, o psíquico é sentido). Dizer intencionalidade psíquica significa simplesmente ver aonde a ação-alma vai, onde é impedida e como ajudar o seu percurso, quando é possível, sem jamais intrometer um mínimo de alheio à sua otimalidade. (MENEGHETTI, 2004, p. 91).

Através do diálogo sobre as fenomenologias que o sujeito vivencia, isto é, os fatos subjetivos e fatos objetivos existenciais, a psicoterapia tem como fim primeiro e único buscar a autenticação do ser humano. Desta forma, possibilita ao sujeito desfazer-se de modelos de comportamentos que não são funcionais, relativizar determinados hábitos, transcender os estereótipos⁶, adotar um estilo de vida que promova o crescimento e recuperar a sanidade integral.

⁵ Ôntica – grego – genitivo do participio do verbo ser. Participado pelo ser em si. O que constitui o princípio para qualquer possibilidade ou fato de existir. Atualidade da causa primeira de um processo. O princípio pelo qual é, ou não é. (MENEGHETTI, 2008, p. 192).

⁶ Estereótipos – grego – torno estável, endureço. Um pré-estabelecido como unidade de medida ou de igualdade aos outros. Um modelo de comportamento geral que se faz referência de outros semelhantes e que se torna valor de apoio para individuar segurança e razão dialética com a sociedade. (MENEGHETTI, 2008, p. 102).

O critério para alcançar este objetivo é o Em Si do cliente. Em seu inconsciente já existe a estrada da saúde e da inteligência. O Em Si ôntico é o critério que dá a eficiência daquela realidade. Este critério é apreendido pela ordem organísmica do ontopsicólogo. O bom psicoterapeuta é capaz de ver a atividade psíquica antes que se fenomenize em consciência, em emoção ou em soma. Para conhecer de modo exato, o psicoterapeuta deve antes ser exato consigo mesmo; deve ser sempre “uno” consigo mesmo, assim torna-se um radar exato: é capaz de individuar o critério e aplicá-lo. O psicoterapeuta deve somente observar a congruidade consigo mesmo, que Meneghetti descreve da seguinte forma:

Por força da própria autenticidade, o psicoterapeuta conduz o cliente a perceber a própria presença até a raiz da interioridade de si mesmo. Essa relação é conduzida pelo psicoterapeuta segundo um processo de Eu-Tu. Cabe dizer que o psicoterapeuta procura levar o cliente do Eu disperso como “esse” ao Eu recolhido em perseidade ôntica.

A psicoterapia ontopsicológica conduz ao reencontro do verdadeiro ôntico pessoal. À luz desse último, o homem reconhecerá, entre as possibilidades ambientais, aquelas úteis e funcionais para ele e, mediante decisões definidas, colocará com autenticidade as suas escolhas únicas. (MENEGHETTI, 2010, p. 284).

O psicoterapeuta não fala segundo experiências próprias, mas exclusivamente segundo a semântica do Em Si do outro.

Esta interação com a centralidade organísmica do outro permite ao ontopsicólogo ser capaz de ver a cisão entre o Eu do sujeito e o seu Em Si, consentido a discriminação das pulsões desse último das pulsões do complexo⁷ e pode verbalizar essa pulsão do Em Si ao Eu do cliente dando-lhe uma diretividade⁸.

Conforme Meneghetti (2010), para formar um grande psicoterapeuta são necessários muitos anos. É muito importante a formação pessoal contínua e amar verdadeiramente a alma do cliente. E complementa:

Para formar um válido psicoterapeuta são necessárias duas coisas. Antes de tudo, é necessária a atitude natural, um dom particular que se tem por nascimento. Porém, depois, é indispensável uma longa formação racional e de estudo, uma grande experiência. Um válido psicoterapeuta deve alcançar o nu das coisas sem vestes, isto é, sem estereótipos e fês. Os diversos ofícios, no fundo, não são nada mais do que fês, convicções: a religião é uma fê, assim como o é a política, a filosofia, a matemática. Todas as ciências, os diversos modos que se discutem há milênios, são somente modos de fê, em dialética entre eles.

Se uma pessoa quer o nu das coisas, sem fês ou estereótipos, deve alcançar a inteligência total de si mesmo. (MENEGHETTI, 1996, p. 99).

Esta formação dará ao ontopsicólogo a qualificação necessária para conduzir o processo de autenticação e verificar a funcionalidade do sujeito.

⁷ Complexo – é uma realidade psíquica que se formou em compromisso entre as exigências sociais e as exigências biológicas do indivíduo. É um precipitado psicoemotivo do monitor de deflexão; portanto uma remoção feita por um eu em formação sob a pressão do monitor de deflexão, sobre imagens do superego social e moralístico. (MENEGHETTI, 2008, p. 56).

⁸ Diretividade – é a explicitação por parte do ontoterapeuta das direções de ações históricas do cliente segundo tudo o que aprendeu do Em Si deste. (MENEGHETTI, 1995, p. 10)

4. PRÁTICAS PROPOSTAS PELA ONTOPSICOLOGIA PARA A AUTENTICAÇÃO

Neste capítulo descreveremos alguns caminhos propostos pela Ontopsicologia para consentir ao ser humano tornar-se autêntico.

Retomamos aqui o fim da Ontopsicologia: “reportar a lógica do Eu à lógica do Em Si ôntico para consentir a realização”, isto é, voltar a unir a lógica racional e voluntária, as estruturas conscientes à lógica original, primária do Em Si ôntico, para que coincidam.

Além da psicoterapia de autenticação, já visto anteriormente, a metodologia ontopsicológica apresenta outras práticas para facilitar este processo de retomada da exatidão de consciência - processo de autenticação. Estas práticas devem ser exercitadas sempre contemporaneamente e simultaneamente ao conhecimento e compreensão do Em Si ôntico, do Campo Semântico e do Monitor de Deflexão.

4.1 CONHECIMENTO ORGANÍSMICO

A inteligência organísmica é o critério infalível que mostra qual é a real situação naquele momento. É o conhecimento básico para entender o campo semântico. Somente o sujeito que está íntegro em toda a função orgânica e somática pode fazer a leitura do campo semântico. O ser humano tem o seu corpo como um radar perfeito. Precisamos conhecer as informações do corpo para colher a inteligência com exatidão.

Meneghetti (2010) entende o termo “organísmico”⁹ como vetor de psique e alma.

“Organísmico” implica a presença do dinamismo vital; é o orgânico em dinâmica unitária com presença simultânea de consciência: existo e sei de mim. *É uma unitária tomada de consciência em ato orgânico.* “Em ato orgânico” significa: enquanto o ato está em exercício, em função, em intenção, tanto em si mesmo quanto com o ambiente, ou com outra pessoa.

O organísmico se dá quando existe uma co-presença (um “co-ser” ou “ser junto”) da mente (portanto, vontade, intenção), sentimento e emoção, resíduo da estrutura orgânica (somática, mineral, vegetal). É um conhecimento que não se constata de fora, mas que se colhe de dentro com percepção autovisiva da própria consciência em ato, sem usar os sentidos. O corpo é a tomada direta com a vetorialidade intelectual. Ela não se localiza no cérebro, mas em um centro que está em todo lugar, e em nenhuma parte em específico. (MENEGETTI, 2005B, p. 95).

Portanto, o sujeito que recupera seu próprio organísmico sabe ser “Eu” em cada parte do próprio corpo.

Conhecimento organísmico é conhecer o outro através de si mesmo. Instrumentaliza-se o próprio corpo para perceber a realidade emotiva corpórea do outro; é

⁹ “Organísmico” implica a alma; “ism” deriva do verbo “ser”, do qual vem ôntico. É uma raiz particular que indica a espiritualidade, a qual se pode traduzir também em funcionalidade. (MENEGETTI, 2010, p. 21).

um conhecimento corpóreo, porque o nosso corpo é o melhor radar de conhecimento. O corpo é o nosso radar. É sobre o corpo que é registrada a informação do Campo semântico. Para conscientizá-lo é preciso primeiro senti-lo; é preciso recuperar o conhecimento dos sentidos para chegar ao conhecimento do nosso visceral e, daí chegar ao conhecimento real, que é o conhecimento exato.

Através da variação que sentimos em nós, vemos imediatamente o que o outro é. Este é o conhecimento base do Campo Semântico. O Campo Semântico contata imediatamente nosso tronco visceral e depois vem refletido no cérebro, onde acontece a tomada de consciência. Meneghetti descreve desta forma este processo:

Se observarem vocês mesmos, nos momentos de positividade, notarão que as percepções mais importantes são advertidas com o estômago, com os pulmões, com o fígado, com o coração; só sucessivamente perceberão com os cinco sentidos. Os mais sensíveis percebem tudo de modo viscerotônico, em seguida, distribuem o conhecimento através dos olhos, do olfato, etc.

O Em Si ôntico fala com linguagem organísmica, usa todo o corpo. Insisto que a primeira forma de conhecimento do homem, em absoluto, não é a fase oral, mas a fase viscerotônica. Nós mesmos fomos formados por processo visceral. Por isso, o primeiro conhecimento íntegro é o conhecimento organísmico. Portanto, se uma idéia, um discurso, uma impressão emocionam todo o corpo, aquilo é verdadeiro e real; se, ao invés, aquilo que se pensa ou que se diz está só na cabeça, aquela “verdade” é esquizofrênica, não é real. Onde todo o corpo de um indivíduo age e crê, ali é a realidade. (MENEGETTI. 1996, p. 45).

O cérebro viscerotônico é a primeira fenomenologia mais física e emocional do Em Si que reage antes de qualquer outra forma de conhecimento que o ser humano é dotado. Através deste conhecimento podemos perceber as diretivas do Em Si.

4.2 MELOLÍSTICA

É a música do todo harmônico. É a recuperação da música organísmica. Meneghetti (2005B) nos dá a seguinte definição; “A melolística é a instrumentalização da música e da dança com a finalidade da saúde estética e criativa do ser humano, com conseqüente potencialização da atividade psicoemotiva, fisiológica e esportiva. Ela nasce da ciência da proporção musical ínsita no corpo pela natureza: as células são sintonizadas a determinados ritmos ondulares.”

“Dança e comportamento físico sobre ritmos extraídos e amplificados - com instrumento de percussão – do iso viscerotônico, enquanto epicentro das conexões vitais.

É um instrumento de intervenção da Ontopsicologia “com base psicocorpórea”¹⁰, que usa a música e a dança para restituir e potencializar a sanidade organísmica, o bem-estar psicofísico e a funcionalidade psicoemotiva”.

¹⁰Psicocorpórea - O interior e o exterior do homem são um todo uno e não se faz distinção entre problemas físicos e psicológicos.

A melolística é o ritmo elementar das variáveis sináptico-intintivas da natureza. (...) O ponto de partida que consente cada variável está situado no centro viscerotônico, do qual o diafragma é o órgão exposto. O diafragma, além de ter diversas funções de sustentação, é um ressonador e um amplificador, co-participa constantemente de todas as variações emotivas do corpo. Ele constitui a primeira tomada de contato com o cérebro visceral e consente uma interiorização no biológico, evitando distrações externas. A música, portanto, é sempre baseada na escala cromática viscerotônica. (MENEGETTI, 2010, p. 370/371).

Em relação ao nosso corpo, dentro da Ontopsicologia, tem grande importância a percepção viscerotônica, que está localizada no diafragma. Não importa o músculo em si, mas no sentido de unidade primária que permite ordem e a harmonia a todo o organismo. Esta percepção é a primeira demonstração que o Em Si começa a sua aparição e a sua história.

Para Meneghetti (2010), a forma mais completa de conhecimento sensorial é o sentido interno. É exatamente um tambor que está entre o externo e o púbis, uma caixa de ressonância dinâmica que não se circunscreve em um órgão; é um espaço de percepção. O viscerotônico é a primeira forma fenomênica do intelecto no sentido. Este processo de percepção viscerotônica acontece da seguinte forma:

O nosso corpo, por natureza, é uma rede de radar especificado às próprias exigências: sente aquilo que lhe diz respeito, aquilo que lhe serve, no bem ou no mal. No viscerotônico, ocorre a ressonância sensorial universal do próprio holístico-dinâmico. A percepção chega ao tambor viscerotônico, que seleciona imediatamente o órgão de percepção externa específico para aquela função; portanto, a informação chega ao cérebro, é lida pela consciência e depois parte o impulso ao órgão específico. A consciência nem sempre reflete; quando reflete, é somente na última passagem. (MENEGETTI, 2005B, p. 102).

O ser humano é baseado nesse processo perceptivo. Depois dele se desencadeia a vontade, a decisão. Deste modo, é necessário recuperar este inconsciente, para adicionar à racionalidade o critério visceral emotivo.

A melolística consiste:

- a) Em individual e isolar o iso organismo baseado no primeiro cérebro visceral¹¹;
 - b) Em ampliar esse núcleo musical a todo o resto do corpo com variável criativa;
 - c) Em restituir a convergência do pleno orgânico ao núcleo visceral.
- (MENEGETTI, 2010, p. 369).

O objetivo da melolística é reintegrar a vitalidade orgânica do sujeito, em harmonia salutar reativando circularmente a psique e o corpo segundo os impulsos do Em Si ôntico e anulando as pulsões patológicas.

¹¹ Cérebro visceral - Complexo de ações e reações determinadas pelas sinapses neurônicas alojadas no aparato intestinal. Esse cérebro (também denominado cérebro viscerotônico ou neurogastroentérico) implica o primeiro raio de ação psicomotiva das zonas exteroceptivas e propioceptivas. É possível perceber a exatidão formal de qualquer campo semântico através da verificação daquilo que esse cérebro elabora. (MENEGETTI, 2010, p. 369).

A lógica da melolística é recuperar a sabedoria que a vida nos ensina por meio do corpo: recuperar uma inteligência aprendida pelo corpo.

Durante a melolística o Eu deve ser investido para que conscientemente deixe o Em Si pilotar. É necessário chegar ao equilíbrio entre o Eu e o Em si organísmico para que o Eu se conecte com o seu princípio inteligente.

Os efeitos da melolística podem ser observados no nível biológico, através da vitalidade orgânica e da sanidade, no nível psicofisiológico, pela sensação de bem-estar e reforço do vigor físico e psíquico e, em nível psicointelectivo traduzido em inteligência criativa e desenvolvimento da personalidade.

4.3 METANOIA

Do grego, significa mudar a mente. É a variação radical do comportamento para identificá-lo à intencionalidade do Em Si. É a reorganização em evolução progressiva de todos os modelos mentais e comportamentais. A sua essência é o desinvestir-se continuamente do passado e o constituir-se sobre a funcionalidade imediata do sujeito aqui e agora, segundo a seleção do Eu a priori.

“metanoia” significa colher o além da mente, mudar a mente, colher onde a mente intenciona o fim último, ou colher a transcendência que a mente dá de cada objeto próprio. A mente colhe e constitui o próprio objeto e depois o transcende. “Mente” significa o princípio ativo da medida, o princípio mensurador, o critério de medida. (MENEGETTI, 2010, p. 261).

Para Meneghetti (2010) tudo pode ser ocasião de metanoia se cada um começar a ler o estado de consciência de alguns hábitos. Esses hábitos são, com frequência, inconscientes ao sujeito e são mais notados por quem está próximo.

Com este termo, a Ontopsicologia entende uma mudança do piloto Eu, substituir o Eu formado pela doxa por aquele Eu sublimado pela intencionalidade do Em Si ôntico. (MENEGETTI, 2008, p. 176).

Segundo Meneghetti (2008A) o erro está na consciência, no Eu Lógico-histórico. Por isso é preciso mudar a consciência, mudar a própria mentalidade. Mudar como se é hoje e não continuar como recorda ou como os traços mnemônicos do inconsciente são manipulados pelo monitor de deflexão. Metanoia significa mudar o próprio Eu ou consciência e adaptar-se ao momento.

A metanoia é uma das atitudes fundamentais para o processo de autenticação. É a promessa da mudança em autenticidade. Não se alcança o originário do indivíduo, o seu ponto de contato com o que é o ser, sem realizar esta mudança.

Conforme Meneghetti (2005B), qualquer um que queira ser um criativo *in progress*, deve começar a agir em conformidade às decisões tomadas para a própria vida: isto é, traduzir em hábitos históricos aquilo que é decantado, sublimado, reconhecido pelo seu Em Si como específico e, portanto, de mudar no que verte maior utilidade construtiva para si mesmo.

Esse processo implica em um longo tempo, uma decisão contínua e capacidade racional. Para isso é indispensável a consultoria de autenticação que ensina a arte de ser

mestre de si mesmo, reformando e evoluindo todos os seus modelos de comportamentos, reconstituindo a própria consciência.

A metanoia começa com a compreensão que nossa consciência é manipulada por modelos culturais inconscientes. A psicoterapia é indispensável para esta compreensão e para ampliar nossa racionalidade a fazê-la conexa à inteligência vital.

4.4 RESIDENCE

O *residence* é um instrumento de intervenção caracterizado como um estágio de imersão total, durante três a sete dias, dirigido a um grupo selecionado de pessoas para efetuar uma verificação existencial. É preparado para atender a necessidade dos participantes em realizar um Eu lógico-histórico mais congruente a si mesmo e mais funcional no contexto social em que convivem.

Fazer um *residence* segundo a metodologia ontopsicológica substancialmente significa verificar se o próprio estado de ser e a própria produção de vida são ou não funcionais ao crescimento, ao bem-estar e à satisfação de toda a unidade de ação que se é. Portanto, verifica-se se o próprio modelo de vida – além de sadio – está também em gestão eficiente e de sucesso. (MENEGHETTI, 2010, p. 361).

É um dos instrumentos mais completos, pois pode incluir alguns dos outros (psicoterapia individual e de grupo, cinelogia, imagogia, melolística, etc.) durante sua realização. Permite, em um período limitado de tempo, recuperar o contato entre o Eu lógico-histórico e o Em Si ôntico.

O “*residence*” ontopsicológico implica duas atitudes fundamentais, dois momentos dialéticos. O primeiro destes é uma “colocação no ponto”, em ação perfeita, de toda a obra da própria vida, da própria existência individual: trata-se de reconstituir a ordem funcional ao viver satisfeito consigo mesmos. Nisto, o ontopsicólogo é sobretudo o técnico *ontológico da pessoa*. Não se pode dar verdadeiro saber se antes não se tem a base de um homem sadio e verdadeiro. (MENEGHETTI, 1996, p. 12).

Durante o *residence*, os participantes devem assumir um comportamento ético, como premissa para prosseguir junto com o íntimo do ser que cada um é individualmente, o ponto de contato com aquilo que é o ser, o originário do indivíduo.

O *residence* de autenticação é um instrumento pedagógico porque através dele se ensina ao sujeito a fazer e saber si mesmo para além dos costumes e hábitos que o construíram, se ensina a recuperar a reflexão direta do seu Em Si ôntico conforme ao previsto pela natureza.

Durante o *residence* é realizada uma intervenção clínica e também de autenticação sobre os participantes. Enquanto se aprofunda o conhecimento, cada um pode se verificar psico-existencialmente. “Através do *residence* se reconstitui a unidade entre o Em Si ôntico e o Eu psicológico, partindo da semântica do Em Si ôntico, instrumentalizando, depois,

todos os segmentos da racionalidade. É o espelho que é corrigido, não o que se é.” (MENEGHETTI, 2005D, p. 58).

A lógica do residence é verificar a exatidão entre o Eu consciente e o Em si ôntico, verificar se há acordo entre o Eu e o Em si de cada um.

Através do residence se recupera a unidade entre o Em Si ôntico e o Eu psicológico, conforme a indicação semântica do Em Si ôntico.

4.5 ANÁLISE ONÍRICA

Depois de ter incluído na prática clínica a novidade do Campo Semântico, a Ontopsicologia usou outros conhecimentos para estudar a linguagem inconsciente dos sonhos conforme um código próprio de interpretação. Conforme Meneghetti (1999), o sonho é a linguagem de um todo e é também a chave para a real compreensão psicológica do ser humano. É o momento preciso em que a natureza – o inconsciente, as emoções, a atividade psíquica – espontaneamente desenha.

A análise onírica é um instrumento de análise utilizado pela Ontopsicologia para fazer um diagnóstico da situação do sujeito naquele momento. O ser humano sonha continuamente; a natureza faz um exame clínico a cada dia sobre o comportamento do sujeito. A formalização da atividade psíquica se dá através de imagens e o sonho é uma exposição desta atividade. O sonho fornece um quadro completo sobre a vida do sonhador; o sonho fala documentando a realidade físico-orgânica e histórica do sujeito. Para a Ontopsicologia, o sonho é a linguagem da vida que deve ser lida como a natureza o escreve. Cada sonho tem a sua história, porque é uma projeção da situação organísmica e complexual do sujeito. É uma imagem objetiva através da qual o psicoterapeuta se baseia para ajudar seu cliente.

Toda a arquitetura do sonho deve ser compreendida na exclusiva lógica do sonhador. O sonho é linguagem como resposta à exigência do sonhador. Ao sonho, não interessa a ciência, a política, o outro, mas *exclusivamente a vida individual do próprio sonhador*. O sonho é uma verdade objetiva do indivíduo, ou seja, sempre se formaliza com base nas exigências vitais deste. O sujeito pode ter determinadas convicções, mas o sonho não falará segundo as convicções conscientes: ele usa qualquer linguagem na exclusiva exigência do organísmico do sujeito. (MENEGHETTI, 1999, p. 173).

Para compreender o sonho devemos ter a introdução lingüística, o código de leitura. Para compreender a mensagem que o Em Si manifesta no sonho é preciso conhecer o significado exato dos símbolos oníricos. A Ontopsicologia conseguiu reencontrar o código que o sonho usa para a sua elaboração de imagens. O Em Si ôntico usa o critério biológico, tomado diretamente da natureza, da realidade do homem.

Através do sonho é possível reencontrar a comunicação que o Em Si ôntico daquela pessoa manifesta, indicando como realizar o seu egoísmo vital. Desta forma, um técnico preparado nesta linguagem pode entender toda a vida do sonhador.

O sonho consente um quadro exato e completo, contemporaneamente, tem a precisão do campo semântico e da anamnese lingüística. Na realidade de um sonho eu vejo a história do sujeito, as circunstâncias que teve, o comportamento psicológico-subjetivo que assumiu e os resultados práticos reais que obtém em base às suas escolhas. No elaborado onírico existe uma infinidade de coisas, por isso, através de um sonho, um observador capacitado tem em mãos toda a vida de uma pessoa. (MENEGETTI, 2012, p. 28).

A psicoterapia ontopsicológica utiliza este instrumento, intervindo diretamente sobre a imagem, e agindo com exatidão no aspecto das causas psíquicas, cujo símbolo é realidade ativa aqui e agora, antecipando seus efeitos.

O sonho é a linguagem de um todo e é também a chave para a real compreensão psicológica do ser humano. O sonho faz a revisão crítica do existir humano.

5 REFLEXÕES SOBRE O MÉTODO HUMANISTA E O MÉTODO ONTOPSICOLÓGICO DE PSICOTERAPIA

A partir das bases teóricas expostas nos capítulos precedentes, para compreender o significado de autenticidade na abordagem ontopsicológica, podemos fazer algumas considerações.

O termo autenticidade é cotidianamente utilizado como sinônimo de sinceridade. No entanto, para a Ontopsicologia existe uma distinção entre eles. Ser autêntico é ter a consciência exata, isto é, ter o Em si ôntico e o Eu lógico-histórico em exata coincidência; o modo de pensar coincide com o modo de ser e agir. Autenticar é reintegrar o Eu histórico psicológico ao princípio original de natureza.

Para a psicologia humanista, a sinceridade é falar ou agir conforme o que representa a consciência. Aqui surge um primeiro questionamento: O que sabemos desta consciência? O que reflete esta consciência? Esta consciência é exata ao real que somos?

Rogers define autenticidade como sinônimo de congruência, coerência entre o que o indivíduo pensa, o que sente e seu modo de agir. Continuam as mesmas dúvidas porque, se não sabemos a causa primeira do que desencadeia estes pensamentos, estes sentimentos e estes comportamentos, como podemos ser autênticos? Deste modo, podemos ser sinceros sem necessariamente sermos autênticos. Sobre este argumento, destacamos o seguinte:

Na autenticidade ou congruência, o indivíduo toma consciência do que sente dentro de si próprio. Nele, o sentimento e a consciência penetram-se reciprocamente, e, como consequência, tudo o que acontece no organismo é apreendido pela consciência. Ser sincero, nem sempre significa ser autêntico, porque falar e agir de acordo com as representações conscientes não significa que as representações conscientes concordem exatamente com o que se experimenta. A autenticidade exige um “acordo entre a experiência do indivíduo e a sua representação na consciência”. (VIDOR, 1974, p. 62/63).

Para aprofundar estas definições, necessitamos compreender o que é consciência e o que é inconsciência.

Meneghetti (2010) define consciência como um monitor de reflexão¹², um espelho através do qual se projetam holograficamente as imagens que nossa percepção colhe da realidade do mundo. Estas imagens fotografam ou refletem dados do real que se referem à posição física e psíquica do ser humano. Nós conhecemos o mundo através deste processo que é sintetizado como imagem. A consciência é este espelho onde as imagens refletidas são coincidentes com o vivido real, conforme o significado deste termo em sua origem:

¹² Reflexão: situação que consente a reversibilidade interativa do interno ao externo e vice versa. De todas as aferências (que conduz de fora para dentro) desenvolve-se uma coleta de dados e uma síntese que – através de todas as passagens elétricas, químicas e sinápticas – é transmitida como imagem. Temos a redução do mundo energético - ondular em imagens. Ao invés do real em si, colhemos a fotografia do real. (MENEGHETTI, 2010, p.168).

O termo *consciência* deriva do latim *cum se scire actionem, se scire cum ente* e significa quando se sabe a ação, saber-se com o que é. Conhecer conforme a ação. Conhecimento intrínseco ao conhecedor. Quando o ente está consigo e sabe-se. O ato ou a coisa são evidentes por intrínseca transposição. O fato é conhecido ou refletido sem mediação. (MENEGETTI, 2010, p. 168).

Porém, quando esta reflexão não chega à consciência, quando o Eu não tem conhecimento destas imagens, constitui-se o que se chama inconsciente: “quântico de vida e de inteligência por meio do qual nós existimos, mas não conhecemos, isto é, do qual não temos a reflexão consciente; é uma parte de vida e da inteligência do homem.”

Esta área inconsciente, mesmo desconhecida, faz parte do ser humano, é ativo e, portanto, age sempre, psiquicamente ou somaticamente, independente da vontade do Eu.

Para Meneghetti (2005), o inconsciente é tudo aquilo que somos e não sabemos, mas é ação inteligente e exercita um poder maior que a realidade consciente. Para explicar o inconsciente, Meneghetti acrescenta:

Deve-se imaginar uma grande casa da qual o Eu, a parte exposta e consciente do Em Si, é o patrão. Na realidade o Eu habita somente em uma pequena parte dessa grande casa; nos outros cômodos, há muita desordem, porque cada instinto vai por conta própria e o Eu nada sabe. Com frequência a vida de um ser humano é aquela de quem conhece somente uma pequena parte de si; o resto é obscuro, inconsciente. (MENEGETTI, 2005C, p. 41).

O objetivo da psicologia é tornar tudo isso consciente ao Eu, é dissipar o inconsciente e trazê-lo à consciência do indivíduo para que possa compreender-se a usar toda aquela energia dispersa em vantagem própria. O primeiro passo para o autoconhecimento e a autorrealização é a recuperação da consciência, é a recuperação da exatidão da percepção orgânica para acessar seu projeto original de natureza. Desta forma, o Eu real passa a ser o critério para ser verdadeiramente o que se é, autêntico, exato.

Com referência a este processo de formação psicológica da pessoa, da formação do Eu, complementamos com o seguinte resumo:

A pessoa, em sua evolução, parte do **eu potencial**, estado em que o organismo humano está desprovido da consciência livre, da experiência visceral e sensorial. Conscientizando-se da experiência imediata, conscientiza-se de si próprio e forma com isso a imagem de si mesmo. Esta noção do eu corresponde ao **eu atual**, porque não compreende ainda a totalidade da experiência. (...). O organismo abre-se progressivamente à experiência imediata e gradativamente se conscientiza de novos elementos que vêm enriquecer a noção do eu. Desencadeia-se um desenvolvimento crescente e a pessoa move-se em direção do seu **verdadeiro eu**, do eu autêntico e real que corresponde ao organismo completo, unificado, instantâneo. No auge, a experiência imediata e a consciência compenetram-se reciprocamente e o indivíduo toma, instantaneamente, consciência de tudo o que sente e experimenta dentro de si. Quando a consciência abarca a totalidade da experiência imediata, a pessoa “apropria-se de si mesma”, torna-se seu verdadeiro eu, torna-se pessoa. (VIDOR. 1974, p. 103).

Quando nosso eu se forma, antes da nossa consciência formalizada, sofre influência das informações externas do meio em que vive. O eu potencial, que é uma

potência a atualizar-se é congestionado por estes modelos de referência afetivo-social, e como mecanismo de defesa para proteger o eu consciente transforma-o em um eu fictício adaptável às exigências externas e dissociado do eu verdadeiro e autêntico que reflete as informações da vida. Esse eu fictício, alimentado por fatos inconscientes, não consegue mais distinguir o que é funcional e saudável para si mesmo. Para resgatar a própria integridade de natureza e corrigir o eu consciente, torna-se fundamental a psicoterapia de autenticação. Portanto, a psicoterapia é a possibilidade de resgatar a autenticidade do ser humano.

O que dá a potencialidade de conhecer-se e chegar à autenticidade é o organismo: a vida já individualizada. Primeiro vive, depois transforma em conhecimento. Nesse processo, o Eu se atualiza assimilando de modo consciente o que passa pelo organismo, tudo o que é vivido. O organismo é a fenomenologia do Em Si ôntico, é o livro da vida, o mediador das informações do Em Si ôntico. Esta atualização constante do Eu aperfeiçoa a percepção de tudo o que o organismo reflete e faz com que nossas escolhas sejam sempre mais exatas e coincidentes com o real de nós mesmos.

É o Eu lógico-histórico que, de fato, faz as escolhas e decide as ações históricas existenciais. Quando decide através da sua consciência autêntica, resulta em crescimento pessoal. Quando decide mediado por uma consciência inexata e alterada, tem como resultado os erros, frustrações, doenças, então, este eu fictício necessita de psicoterapia para recuperar a autenticidade da consciência.

Entre tantas propostas que a psicologia tem apresentado para auxiliar as pessoas nessa busca por conhecer-se, direcionamos nossa atenção especialmente ao método ontopsicológico de psicoterapia de autenticação. Para compreender seu diferencial, buscamos conhecer uma proposta anterior de terapia, desenvolvida por Rogers e conhecida como psicologia humanista.

O método humanista resgatou a valor da pessoa por si mesma, utilizando uma nova abordagem, com uma visão mais holística do ser humano. Para Rogers, o ser humano possui em si a capacidade latente de compreender-se e de resolver seus problemas para buscar a satisfação. Por isso adota a prática da terapia centrada no cliente, ou seja, é o próprio cliente que conduz o tratamento, dá a direção da terapia. Rogers define a psicoterapia como o processo para a liberação desta capacidade já presente de modo latente. O cliente, potencialmente, possui a competência para a solução de seus problemas. No entanto, Rogers afirma: “o exercício desta capacidade requer um contexto de relações positivas, favoráveis à conservação e à valorização do “eu”, isto é, requer relações desprovidas de ameaça ou de desafio à concepção que o sujeito faz de si mesmo”. (ROGERS, KINGET, 1977, p. 40). Portanto, esta abordagem destaca essencialmente as relações entre o sujeito e as outras pessoas, favorece as relações interpessoais, a adaptação ao meio em que vive e não a busca por sua essência como pessoa. Rogers reconhece que não se trata de um grau de compreensão completo e absolutamente correto, mas suficiente para o processo de adaptação e integração que é a existência humana. Complementando o estudo deste processo centrado no cliente, destacamos a análise seguinte:

Ele visa não diretamente curar as pessoas, mas melhorá-las; tende a equilibrar as pessoas angustiadas e não a curar doenças. Seu método não é eficaz para resolver diretamente os problemas da pessoa, mas para ajudar a pessoa, transformando-a e capacitando-a interiormente a progredir, a adaptar-se e comportar-se adequadamente. O método procura agir diretamente na esfera do sentimento, porque Rogers está convencido que a educação deve atingir os fatores

fundamentais, que são os emotivos não reconhecidos, e não tanto os aspectos intelectuais (...). Seu método está voltado a educar mais o coração, a emotividade do que a inteligência, a formar um homem integrado, capaz duma constante renovação e readaptação não conformista, a uma sociedade em permanente evolução (...). O método rogeriano prepara as pessoas para enfrentar os problemas sociais contemporâneos e para superar as contradições, as contrariedades e forças de despersonalização impostos pela sociedade. (VIDOR, 1974, p. 172/173).

Esta abordagem centrada na pessoa configura-se como um modelo eficaz para conduzir as relações humanas, para auxiliar seus clientes a viverem melhor, e ter mais confiança em si mesmo. Consiste num conjunto de regras para o relacionamento humano de modo equilibrado e aceitável. Porém, neste processo de autodireção, a pessoa está limitada a utilizar as medidas disponíveis ao seu grau de consciência, não necessariamente as melhores para o seu crescimento. Este método centrado no cliente usa como critério um Eu construído pela pessoa. Os aspectos inconscientes são desconsiderados impossibilitando o acesso ao núcleo autêntico de cada indivíduo. Os elementos conscientes para a psicologia humanista são denominados como percepção ou experiência simbolizada que englobam tudo o que o indivíduo se dá conta, no momento atual ou em experiências passadas.

O processo terapêutico deste método se efetua em função da experiência do cliente. O terapeuta deve adotar uma atitude empática em relação ao cliente e usar a tomada de consciência experimentada pelo cliente para servir de guia no processo de terapia. Quanto mais autêntico e congruente for o terapeuta, mais facilmente ocorrerá a transformação pessoal do seu cliente. Ser autêntico e congruente, para este método, é exprimir abertamente os sentimentos que experimenta, é ouvir e aceitar o que passa em si mesmo. Neste contexto ser autêntico é utilizado com o significado de ser sincero – exprimir sem artifício seu sentimento ou pensamento.

A psicologia humanista centrada no cliente não reconhece os fatores inconscientes que determinam o comportamento e, portanto, não consegue corrigir o eu consciente para torná-lo autêntico, no sentido de ser coerente ao projeto original da natureza. Analisando este modelo, Vidor (2013) explica:

A psicologia humanista (...) não conseguiu identificar o íntimo que organiza a ordem externa da vida em realização. Esses psicólogos percebem que há uma ordem inerente à natureza do homem que, sendo seguida, resulta em saúde e evolução tendente à autorrealização, porém, não conseguem a evidência do constituinte originário da natureza do homem; descrevem a fenomenologia externa da realização, mas não identificam as características do núcleo interior que regula o todo orgânico; desconhecem o mecanismo programador que induz a erros de consciência e que impede a solução de problemas inconscientes pela autoanálise. O Eu do cliente, sendo alienado, não recupera a própria autenticidade. (VIDOR, 2013, p. 42/43).

O método humanista, sendo centrado no cliente, considera o que o cliente sente e pensa sobre si mesmo. Porém, se este Eu não é exato, se é um Eu fictício, não poderá decidir e agir do modo apropriado ao seu crescimento e satisfação.

Para recuperar a autenticidade, a Ontopsicologia propõe a discussão do eu, através da psicoterapia. É preciso rever a nossa consciência para recuperar a conexão com a realidade da vida. A psicoterapia ontopsicológica, como descreve Vidor (2013), “é o

instrumento que tem o método para libertar a pessoa das estruturas do complexo e do monitor de deflexão, a fim de que o Eu lógico-histórico possa coincidir com o Eu a priori e guiar-se pelo Em Si ôntico”.

A Ontopsicologia quer levar a consciência ao contato com o Eu real, com o Eu verdadeiro que reflete a informação da vida. Isto faltou à visão humanista, que centraliza a autenticidade no Eu construído e não revisou este eu para ver o quanto ele está comprometido com os complexos. Faltou a fundamentação ontológica para a psicologia humanista, faltou o nexu ontológico, a conexão com a informação da vida.

A Ontopsicologia quer levar a consciência a coincidir com a inteligência. Neste ponto o método ontopsicológico é diretivo. O ontopsicólogo fala exclusivamente conforme a semântica colhida do Em Si do cliente e verbaliza a direção assinalada pela espontaneidade do inconsciente do cliente. Conforme descreve Meneghetti (2005A): “Somente quando alcança a semântica, a intencionalidade aberta da unidade de ação do outro, o ontopsicólogo, que pode percebê-la através da propriedade aberta da própria unidade de ação, ausculta o comunicado e, depois, pode verbalizá-lo externamente, segundo todos os configurados e os instrumentos dos quais dispõe.” O psicoterapeuta ontopsicólogo pode identificar através das linguagens orgânicas do cliente, da semântica e dos sonhos, aquilo que a consciência do cliente desconhece. O ontopsicólogo dá, então, a diretiva que foi apreendida diretamente da semântica do em si orgânico do próprio cliente.

Levar a consciência a coincidir com a inteligência. Inteligência é a capacidade de ler o íntimo do ser; ir ao íntimo e ler a ação do ser. É o intelecto que mostra os valores adequados à vida, conhece por presença interna e decifra o que é útil e funcional para construir a própria identidade. A inteligência é uma propriedade da nossa identidade humana. É a faculdade que reflete a identidade da natureza. A inteligência ao ler o íntimo da natureza coincide em identidade com ela. Na passagem da inteligência para a consciência, esta é influenciada pelo externo (valores do ambiente) e deixa de ler as manifestações que acontecem no próprio organismo, deste modo, a consciência não é mais o espelho da inteligência, e, conseqüentemente, as decisões serão sempre conforme a consciência que temos e não conforme a natureza. Desta forma, a consciência ignora a própria identidade. Se a consciência reflete a exatidão do intelecto, as decisões resultarão em crescimento pessoal. A consciência deve coincidir com a inteligência e a inteligência deve coincidir com o Ser, portanto Ser e consciência devem ser iguais. Este é o princípio filosófico que dá a lógica da evidência da mente (informação verbal).¹³

A psicoterapia ontopsicológica busca purificar a consciência e reintegrá-la à linguagem da vida. “A função da psicoterapia é levar a consciência do eu a restabelecer o contato com a própria identidade pessoal ou com a ordem pré-constituída organicamente.” (VIDOR, 2013, p. 48).

A Ontopsicologia descobriu como retomar o contato da consciência com o princípio original, o Eu real e autêntico que é o Em Si ôntico.

Neste ponto ressaltamos como fundamental compreender que o Em Si ôntico, o Campo Semântico e o Monitor de Deflexão são indispensáveis para a exatidão da consciência.

¹³ Parágrafo construído a partir de anotações realizadas durante aula da disciplina de Fundamentos de Filosofia do curso de graduação em Administração da AMF – 1ª turma, ministrada pelo prof. Alécio Vidor, em 23/04/2010.

A consciência representa o modo de conhecer a si mesmo, o outro e o mundo. Esta consciência deve ser reversível com a realidade – reflexão coincidente com o real – O problema surge quando não há coincidência, quando a reflexão sofre alterações, desvios. É neste aspecto que age a psicoterapia ontopsicológica, como descrito a seguir:

Se a consciência não é mais capaz de reversibilidade com o real, é preciso corrigi-la e justamente este é o escopo da psicoterapia ontopsicológica: verificar e corrigir a consciência, de modo que a recuperação da reversibilidade consinta a coincidência entre Em Si ôntico e Eu voluntário-consciente, entre sujeito e objeto. (...) Este é o ponto: é preciso recuperar **a integridade de consciência** sobre a *informação organísmica*, ou seja, é preciso estar seguro que aquilo que se reflete na consciência é integralmente e exatamente **como** existe para o homem. (CAROTENUTO, 2009, p. 258).

A Ontopsicologia é a ciência que individuou a existência do Em Si ôntico, identificando-o como o critério para o homem recuperar a consciência e torná-la exata. A Ontopsicologia formalizou os instrumentos necessários para recuperar a exatidão da consciência. Através do método ontopsicológico é possível levar a consciência a refletir exatamente o que mostra o critério da natureza, o critério da vida: o Em Si ôntico. A Ontopsicologia restabelece o contato entre a consciência e o próprio ser: o Em Si ôntico. O método ontopsicológico restabelece o caminho de retorno da consciência com o Em Si da vida, efetivando o nexos ontológico.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo principal investigar o conceito de autenticidade para a Ontopsicologia. Através desta investigação buscou-se compreender o escopo final da Ontopsicologia que é tornar o ser humano uma pessoa autêntica.

Iniciamos com a definição dos conceitos básicos para a compreensão da Ontopsicologia, pois é premissa de tudo relativo a esta ciência, o conhecimento das três descobertas realizadas pelo fundador da Ontopsicologia: O Em Si ôntico, o Campo Semântico e o Monitor de Deflexão.

Através da primeira descoberta da Ontopsicologia, o Campo Semântico, foi possível acessar o inconsciente do ser humano, compreender a intencionalidade psíquica que o move e compreender as linguagens que a vida usa para revelar a si mesma. A informação do Campo Semântico permitiu as outras duas descobertas: o Em Si ôntico e o Monitor de Deflexão.

O Em Si ôntico é o critério que fundamenta toda a Ontopsicologia. Critério dado pela vida como único capaz de exatidão para decidir qualquer situação. É o princípio a partir do qual surge a existência. É um princípio formal (tem uma forma, tem um projeto), que se formaliza a cada momento, a cada nova relação define o que lhe é próprio. É inteligente porque lê o íntimo de si mesmo. Tem a capacidade de compreender dentro da ação. Esse princípio inteligente lê a intencionalidade do princípio e projeta o modo de construir-se historicamente na existência, fazendo sua autóctise histórica.

Este é o critério que orienta o processo de tornar-se pessoa, que será autêntica na medida em que sua consciência refletir com exatidão o seu Em Si ôntico. Entretanto, existe na psique humana um mecanismo que altera a consciência, defletindo e deformando a percepção da realidade e dificultando o conhecimento de si mesmo. Esta descoberta da Ontopsicologia foi chamada de Monitor de Deflexão.

Na sequência deste estudo definimos o que é ser pessoa autêntica para a Ontopsicologia e como se dá o processo de formação do Eu.

O ser humano, antes da formalização da sua consciência, já sofreu interferências do ambiente externo e por isso perde o contato com sua própria natureza. O eu consciente, quando se forma, já está marcado pelos valores pré-estabelecidos pelo contexto social e se estrutura alienado do seu real princípio original. O caminho de retorno ao verdadeiro de si passa pela revisão deste eu construído, corrigindo-o e tornando-o exato à intencionalidade do Em Si ôntico.

No capítulo seguinte, distinguimos o método humanista de psicoterapia e o método ontopsicológico de psicoterapia de autenticação. O método rogeriano ou humanista é centrado no cliente enquanto busca ressaltar o valor único da pessoa e reforçar suas potencialidades, porém, é o próprio indivíduo o responsável por identificar estas potencialidades. É um método não diretivo porque o terapeuta não possui os meios para identificar as direções que o núcleo real da natureza de cada um dá para conduzir o processo de autoconhecimento e autorrealização. Neste aspecto, o método ontopsicológico de psicoterapia de autenticação é diretivo, centralizando esta diretividade nas informações colhidas por Campo Semântico, que permite a possibilidade de ler as características do Em Si ôntico e sua intencionalidade. Uma vida transmite informações à outra vida, de um

íntimo a outro íntimo. Para compreender estas informações inconscientes se necessita de meios adequados de análise para explicitá-las e conscientizá-las. Estes meios foram descobertos pela Ontopsicologia. A tarefa da psicoterapia ontopsicológica de autenticação é conscientizar o Eu, torná-lo autêntico e coincidente à sua identidade de natureza.

A seguir, complementamos, identificando algumas práticas propostas pela Ontopsicologia para resgatar a autenticidade. Além da psicoterapia de autenticação, que é um exercício fundamental para corrigir o Eu, a Ontopsicologia usa, simultaneamente, tantos outros conhecimentos e práticas para alcançar a reintegração com o projeto original que a vida prevê para cada ser humano.

Neste ponto destacamos o conhecimento organísmico, a capacidade de ler as linguagens da vida registradas no organismo. A recuperação do conhecimento organísmico é um caminho para chegar ao conhecimento da realidade exata. Através deste conhecimento podemos perceber a intencionalidade do Em Si ôntico. A melolística é outro instrumento para potencializar a sanidade organísmica e recuperar o modo de inteligência aprendida pelo corpo. A melolística age no ponto onde o corpo é coligado à psique, vibrando-o do modo como esta o toca, sendo assim, é também um modo de aprendizagem de si mesmo.

Dentro do processo de autenticação, para o homem se tornar autêntico, exato, é indispensável ampliar sua consciência, rever seu comportamento, seus hábitos e mudá-los para torná-los funcionais à identidade da existência histórica aqui e agora. Este processo exige uma metanoia, uma mudança da mente, revisando no dia-a-dia o Eu consciente para unificá-lo à intencionalidade do Em Si ôntico. Esta revisão do modo de ser, de verificação existencial, é realizada, de modo intensivo, durante o residence de autenticação, outra prática utilizada pela Ontopsicologia para tornar o Eu lógico-histórico coerente a si mesmo e funcional existencialmente.

Concluimos este capítulo, destacando a análise onírica como um instrumento muito importante para a Ontopsicologia, pois o sonho é a linguagem da vida que mostra toda a vida da pessoa. A imagem do sonho mostra a vetorialidade dinâmica na existência de cada pessoa, em cada momento. A Ontopsicologia descobriu o código de leitura destas imagens, confirmando as informações do Campo Semântico e os demais instrumentos de análise simultaneamente utilizados para autenticar o indivíduo.

Deste modo, atingimos os objetivos específicos propostos ao iniciar este estudo, que foram o de conhecer o significado dos principais termos utilizados pela Ontopsicologia; compreender o propósito final da Ontopsicologia de tornar o ser humano uma pessoa autêntica; identificar alguns instrumentos propostos pela Ontopsicologia para levar o ser humano a construir-se como pessoa autêntica; e, distinguir o método humanista e o método ontopsicológico de psicoterapia para a busca da autenticidade.

Finalizamos com uma reflexão sobre o método humanista e o método ontopsicológico de psicoterapia.

O método humanista tem como critério a tendência atualizante que afirma que o ser humano tem em si mesmo os recursos para realizar a si mesmo. Existe no ser humano a tendência para buscar a própria realização através da construção do próprio valor como pessoa. Entretanto, estes psicólogos não compreendiam a linguagem da vida para distinguir a tendência da intencionalidade de natureza da tendência dos complexos. Este método ressalta o processo de tornar-se pessoa, estimulando a autoconfiança e permitindo iniciativas e decisões, porém, sem dar diretivas ao cliente. A visão humanista estruturou a autenticidade sobre o Eu construído do cliente. Esta visão da autenticidade é incompleta,

falta a percepção da linguagem da vida, falta a fundamentação ontológica, falta o nexó ontológico. A Ontopsicologia descobriu como restabelecer o contato entre o Em si ôntico e a consciência, tornando um coincidente ao outro, possibilitando ao ser humano tornar-se autêntico. A Ontopsicologia acrescentou ao termo autenticidade o verdadeiro significado, com uma nova percepção da linguagem da vida segundo a diretiva do Campo Semântico.

Concluindo, a experiência de realizar este estudo foi um grande aprendizado. A possibilidade de revisar as lições que desenvolvemos durante o curso, permitiu comprovar o quanto este conhecimento é dinâmico e transformador. É um conhecimento que se dá por evidência, isto é, é resultado da experiência de quem vê, é a coincidência entre o fato vivido e o íntimo de cada um. É um conhecimento que precisa transpor os limites teóricos e ser vivido na prática, no cotidiano, a cada dia, a cada decisão. Deste modo, falar em autenticidade exige o exercício constante para recuperá-la e mantê-la. Esta constatação foi desafiadora e muitas vezes estagnante, pois verificava, em alguns momentos, a própria incapacidade para realizar este estudo. Isto reforçou em mim a vontade de aprender mais e continuar o estudo desta ciência, que abre uma nova dimensão para compreender a psique humana e oferece possibilidade de outros tantos estudos. Compreendi que o ser humano tem um caminho para conhecer-se integralmente e tornar-se pessoa autêntica, e este caminho foi formalizado pela Ontopsicologia.

7 REFERÊNCIAS

CAROTENUTO, M. **Histórico sobre as teorias do Conhecimento**. Recanto Maestro: Ontopsicologia Editrice, 2009.

HOUAISS, **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KOPIT, R. Prólogo à edição brasileira in: ROGERS, Carl R.; KINGET, G. Marian. **Psicoterapia e Relações Humanas: Teoria e Prática da Terapia Não-Diretiva**. Vol. 1 e 2. 2ª ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.

MENEGHETTI, A. **Filosofia Ontopsicológica**. 5ª ed. Florianópolis: Ontopsicologica Editrice, 2003.

_____. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2ª ed. Recanto Maestro: Ontopsicologia Editrice, 2008.

_____. **A Arte de Viver Dos Sábios**. 3ª ed. Florianópolis: Ontopsicologica Editrice, 2003A.

_____. **Manual de Ontopsicologia**. 4ª ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

_____. **Campo Semântico**. Porto Alegre: Associação Brasileira de Ontopsicologia, 1993.

_____. **O Projeto Homem**. Intervenções de análise ontopsicológica. Porto Alegre: Psicológica Editrice do Brasil, 1999.

_____. **O Em Si do Homem**. 5ª ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2004.

_____. **Ontopsicologia Clínica**. 3ª ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2005.

_____. **O Monitor de Deflexão na Psique Humana**. 5ª ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2005A.

_____. **Manual de Melolística e outras técnicas psicocorpóreas**. 2ª ed. Recanto Maestro; Ontopsicologica Editrice, 2005B.

_____. **Introdução à Ontopsicologia**. 2ª ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2005C.

_____. **Residence Ontopsicológico**. 3ª ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2005D.

_____. **A Imagem e o Inconsciente**. 4ª ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

_____. **O Nascimento do Eu.** 2ª ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2003B.

_____. **A Psicologia do Líder.** 4ª ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2008A.

_____. **Residence em Moscou.** Porto Alegre: psicológica Editrice do Brasil, 1996.

_____. **Cadernos de Ontopsicologia: Esclarecimentos Terminológicos.** N.4. Associação Brasileira de Ontopsicologia ABO, 1995.

ROGERS, Carl R.; KINGET, G. Marian. **Psicoterapia e Relações Humanas: Teoria e Prática da Terapia Não-Diretiva.** Vol. 1 e 2. 2ª ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1977

ROGERS, Carl R. **Tornar-se Pessoa.** 2ª ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1987.

VIDOR, A. **Rogers e a Educação Não-Diretiva.** Passo Fundo: Editora p. Berthier, 1974.

_____. **Fenomenologia e Ontopsicologia: de Husserl a Meneghetti.** Recanto Maestro; Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.